

O AVANÇO DA DENDEICULTURA E A RESISTÊNCIA CAMPONESA NA COMUNIDADE LIMOEIRO, NO MUNICÍPIO DE MOJU/PA

Izabely Carneiro Miranda¹

RESUMO

O presente artigo traz a seguinte abordagem, de como o avanço da monocultura da palma africana o dendê vem tomando conta do território mojuense e como que o cultivo da palma está influenciando dentro do cotidiano dos camponeses do município. Em contra partida mostrar também que os camponeses resistem contra o avanço da monocultura dentro de seus territórios, e mesmo que as grandes multinacionais avancem território a dentro estes resistem para que suas tradições permaneçam em suas comunidades. Toda via mostrar aos camponeses que possível que este continue com o cultivo da raiz de mandioca que dar origem a farinha de mandioca, e que os mesmos podem sim sobreviver de suas tradições que foram passadas de geração em geração. Porem trazer uma perspectiva de que é necessário que os camponeses façam uso das tecnologias para que melhor consigam desenvolver suas plantações e que as técnicas no período que estamos é fundamental para contribuir com o camponês.

Palavras-chaves: Cultura, desenvolvimento, Resistência

Introdução

Este trabalho parte do pressuposto de contrapor os grandes projetos do agronegócio no Estado do Pará fazendo um recorte na comunidade limoeiro no município de Moju, onde está estar situado às margens do rio Moju- (médio Moju), a 80 km da sede do município, e, especificando também uma análise de Milton Santos e Maria Laura Silveira referente a categorias geográficas espaços luminosos e espaços opacos. Contudo mostrar a comunidade que a organização da mesma irá fazer com que ela possam “combater” o monopólio do agronegócio dentro do seu território e mostrar aos camponeses que podem ter soberania popular na alimentação e que possam melhor desenvolver-se na agricultura familiar camponesa e produzindo agro ecologicamente.

¹ Discente da faculdade de geografia e cartografia da UFPA e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). E-mail: Izabelymiranda02@gmail.com

Partindo do pressuposto que a chegada da cadeia produtiva do dendê promoveu mudanças significativas na paisagem, na configuração espacial, na dinâmica social e no território usado das comunidades que estão diretamente relacionados a cultura da palma africana. A dendeicultura promove metamorfose nos seus modos de vida. Moju, que significa em tupi “rio das cobras” ou “caminho das cobras”, está localizado na mesorregião do nordeste paraense e na microrregião de Tomé-Açu. A cidade de Moju situa-se à margem direita do rio Moju e fica distante 61km em linha reta de Belém, faz limite ao norte com os municípios de Abaetetuba e Barcarena; ao sul, com Breu Branco; a leste, com Tailândia e Acará, e a oeste, com Igarapé-Miri, Mocajuba e Baião.

No espaço agrário do município de Moju é marcante o cultivo da maniva de mandioca e a fabricação de farinha de mesa. A agricultura camponesa possui destaque na produção econômica, cultural e social de centenas de comunidades nesse município. Segundo Alves; Cardoso (2008) o Moju está na maior microrregião produtora de mandioca do Estado do Pará, e, segundo Müller (1980), na maior produtora de dendê. No município de Moju, a lavoura de mandioca é trabalho predominantemente por camponesas e camponeses. Segundo o IBGE (2013), a produção anual é de 80.000 toneladas de raiz de mandioca, colhidas de 4.000 hectares. O que mostra a importância econômica e sociocultural do cultivo de mandioca para as famílias e comunidades no espaço agrário mojuense.

A caracterização de populações tradicionais é bastante abrangente. O decreto presidencial número 6.040, de fevereiro de 2007, conceitua povos e comunidades tradicionais grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e seus recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimento, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (Brasil,2007).

Contudo o Pará também é o maior produtor do óleo de palma do Brasil segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Pará produz por ano 770 mil toneladas de óleo de palma, que é extraído do fruto do dendê. A maior parte da produção é usada nas indústrias de alimentos e cosméticos. Mas nos últimos anos a palmeira também está sendo usada na produção de biodiesel. No Pará a empresa pioneira a investir na monocultura do dendê foi a Agropalma na década de 80, sendo que esta, está estalada em alguns municípios do Estado que são Tailândia, Moju, Acará e Tomé-Açu. O óleo bruto é produzindo nas fabricas de Tailândia e Acará, e as refinarias e fabrica de gorduras estão localizadas na capital do estado Belém.

A comunidade Limoeiro é uma das comunidades que está sendo atingida pelos grandes projetos do agronegócio. A comunidade surge com a devoção dos fies que entendem que a organização interna dos mesmos é a melhor forma para que este fortifique sua fé, partindo deste pressuposto os ribeirinhos camponeses migram para um novo lugar onde começam a povoar e construir a comunidade Limoeiro, sendo que o pioneiro da comunidade são os evangélicos, pois estes sentem dificuldade de reunir-se para a celebração de seus cultos, assim facilitando com que todos possam ir à igreja. Nos anos 90 a comunidade começa

a ter mais visibilidade pois já está mais estruturada já tem o prédio da Igreja Assembleia de Deus construindo, escola, e, muitos dos moradores já tem suas casas, no ano de 2005 o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), traz um projeto de moradia para os moradores, que viabilizava uma casa com dois quartos, uma cozinha e uma sala, a partir desse projeto vários camponeses que moravam distante da comunidade migram para a mesma assim aumentando o número de famílias, as aberturas de estrada já existe a bastante tempo pois para facilitar a locomoção dos trabalhadores para a empresa e também para os pequenos produtores de dendê fazer o transporte do produto in natura, a empresa Agropalma tem muito interesse de fazer com que esses sujeitos tenham um acesso “melhor” a empresa, pois a mão de obra barato é um dos maiores atrativos para a empresa se estalar as proximidades das comunidades tradicionais que estão no Alto Moju e próximo a PA 150.

Contudo no início do povoamento as camponesas e camponeses trabalham arduamente na lavoura de mandioca, pois esta é a principal renda das famílias desta localidade, além desta produção para a farinha de mesa, os produtores ainda tem variações de frutas nativa da Amazônia como por exemplo a castanha do Pará, bacuri, tucumã, taperebá, açaí, bacaba, dentre inúmeros outros. Esse cultivo das frutas ajuda na renda familiar dos camponeses, além disso os camponeses pescam e conseguem tirar uma renda da pesca também que serve tanto para alimentação da família camponesa quanto para a venda, para que esse camponês possa comprar outros utensílios que necessita para sua existência e resistência em seus territórios, também usufruem muito da caça pois na década de 80 para 90 ainda é muito preservado, logo, existem muitos animais silvestres na floresta amazônica.

A organização dos camponeses dentro do seu local de trabalho

Os camponeses são muito coletivos e organizados em relação ao seu trabalho na lavoura, estes organizam-se para ter mais êxodo nas suas plantações como exemplo: fazem mutirão para um ajudar ao outro, pois os trabalhos na roça são muitos, e, só uma família torna-se mais longo, assim um ajudando ao outro conseguem ter mais eficaz e todos os camponeses conseguem ter suas plantações e cultivar de tudo um pouco. Essa organização ainda continua nos dias atuais, os camponeses resistem em seu território e persistem com seus modos de agricultura, que ainda são muitos artesanais, e, seus costumes e conhecimentos sobre a mãe terra são passados de geração em geração. Os camponeses ainda mantem as tradições que lhe foram passados por seus antepassados, respeitam muito o tempo da natureza e dizem que nunca tem-se que passar “por cima” do tempo da mãe natureza, e defendem que a vida no campo é muito boa e não precisam morar na cidade para ter nada, pois no campo eles conseguem plantar e ter uma vida bem saudável.

No dia 22 de Agosto de 2017 foi realizado uma pequena entrevista com alguns moradores da comunidade Limoeiro para ver como os camponeses estão trabalhando nas suas roças, com o propósito de analisar se realmente os camponeses ainda fazem uso dos conhecimentos tradicionais de seus antepassados. A senhora Lucia Maia e sua sobrinha Cristilene Almeida saem as 5:00 da manhã para sua roça, com o intuito de fazer a limpeza da mesma que seria retirar o capim que está muito grande e que pode atrapalhar na colheita da

mandioca, a roça é de apenas duas tarefas (denominação dos camponeses), ou seja, mais ou menos cinquenta metros quadrados, a roça já está com oito meses de plantada, mais para chegar a esse ponto passou por muitos processos como a derrubada que é a retirada das árvores de maior porte, por seguinte eles queimam, passando alguns dias fazem a coivara que é a limpeza da área onde vai ser feito as plantações, e por fim fazem a plantação da raiz da maniva que é para depois nascer a mandioca, mais na roça de dona Lucia tem dois tipos de mandioca que é a branca e a amarela, há também plantação de milho, melancia e abobora.

Devido a roça ser pequena não deu para plantar outras variedades, o cultivo vai ser somente para consumo da família e a produção do milho para as criações de galinhas e porcos, e, uma parte será retirada para plantar novamente. O trabalho de limpeza da área é considerado “leve” para as camponesas por isso as mesmas cuidam dessa parte do processo de cultivo da raiz de mandioca, elas passam amanhã inteiro na roça, o sol as castigam e com o passar das horas vai ficando mais intenso a lida, porém elas fazem o trabalho com muito amor e conversam, cantam no local de trabalho. A capina vai serve de adubo para a mandioca, elas usam as folhas para colocar no pé da planta, essa produção já está quase para ser colhida pois já está com oito meses, logo com doze meses já está pronta para a colheita da mandioca.

Porém apesar de toda essa tradição dos costumes serem passados de geração em geração os camponeses percebem que não produzem como antigamente, pois antes eles conseguiam ter um “aproveito” muito melhor da terra, está era mais produtiva. “Eu sinto assim que a terra já tá fraca! Por que já não dar mais aqueles troncos grandes de mandioca como dava quando eu era mais nova e plantava junto com meus pais”. Diz a camponesa Lucia Maia. Assim pode-se perceber que devido há falta de técnicas para manusear melhor o solo os camponeses estão tendo uma queda das suas produções da raiz de mandioca.

Contudo mesmo com esses contratempos os camponeses persistem com sua plantação da mandioca, no mesmo dia porém as cinco da manhã quatro camponeses que são Carlos, Artur, Eliabe e Cleuson levantam para ir há casa de forno, pois o trabalho será bem intenso, eles iram fazer o fabrio da farinha devido esse trabalho exigir força geralmente são os homens que fazem. O dia de hoje por exemplo eles estimam em produzir dozes pacotes de farinha com trinta quilos cada, e que iram gastar aproximadamente doze horas de tempo para produzir tudo isso de farinha.

Visto que os camponeses têm uma organização dentro do seu trabalho, eles se distribuem da seguinte forma um vai para a prensa e o tipiti que é para fazer a prensa da mandioca que já foi sevada e está pronta para ser prensada, esse processo serve para extrair um liquido amarelado chamado tucupi que é venenoso, logo tem que ser retirado. O outro é responsável por peneirar a massa que já estar prensada, depois de coar a massa a mesma vai para os dois fornos que tem no retiro (casa de forno), onde já tem dois camponeses disponível para essa função. Eles passam o dia inteiro na casa do forno fazem sua alimentação no local mesmo, é um trabalho ardo, pois já estão acordados desde as quatro da manhã. Este trabalho é feito coletivamente pois os camponeses entendem que um ajudando o outro conseguem fazer mais rápido a farinha, estes trocam dias de trabalho uns com os outros. Pode-se dizer que todo

esse trabalho é feito artesanalmente e é um trabalho onde toda a família ajuda, onde os saberes são passados desde de criança, para que as tradições da produção da raiz de mandioca não se percam no decorrer do tempo. Geralmente os camponeses tem a família bem grande com muitos filhos, pois assim este tem quem possa ajudar nos trabalhos diário. Pode-se perceber ao decorrer do texto que encontra-se fragmentos onde o patriarcado é muito forte, onde as mulheres não têm muita autonomia e que sempre há momentos de exclusão das mulheres em muitas tarefas, porém isso não quer dizer que elas não façam parte de todo esse ciclo que é a produção da farinha, mais sim que os homens tendem a afirmar que as mesmas têm mais dificuldades em fazer algumas tarefas que exigem força. Logo os mesmos têm toda uma divisão e cada um faz sua “parte”.

A influência do cultivo da palma africana e a organização das empresas dentro do território mojuense

Depois de decorrer todo o processo que as camponesas e camponeses tem em sua longa trajetória com a terra é necessário mostrar o avanço da dendeicultura no município, Moju é um dos principais municípios que faz o cultivo da palma africana, onde existem inúmeros hectares de terra só para ser feito o plantio do dendê, e os grandes latifundiários estão monopolizando as terras mojuenses, onde estão influenciando os camponeses a trazer essa cultura do dendê para dentro de seus lotes, fazendo com que muitos dos camponeses deixem de cultivar a raiz da mandioca para começar o cultivo do dendê, e, infelizmente muitos já aderiram a essa agricultura familiar da palma africana. Muitos moradores das inúmeras comunidades que estão nas redondezas das empresas de dendê alegam que hoje em dia é muito difícil viver só do que se planta e que ir trabalhar nas empresas ou até mesmo vender suas terras para os latifundiários é bem mais lucrativo, pois assim não irão ter muito trabalho e todo mês seu salário irá estar na sua conta.

Podemos afirmar que dentro do município o ramo da dendeicultura é uns dos que mais geram emprego para os moradores mojuenses, tanto os da cidade quanto os do campo, logo grande maioria destes trabalhadores trabalham no campo, ou seja, o trabalho mais “pesado”, que é a colheita do fruto de dendê, onde é feito no sol, cada cacho pode chegar até vinte e cinco quilos, assim, sendo uma das únicas alternativas de emprego para os pais e mães de família que tem que sustentar suas famílias e não tem outra forma de trabalhar se não na dendeicultura. Porém mesmo que tenha aumentado o índice de emprego é um ponto negativo para o índice da produção da raiz de farinha, pois muitos estão perdendo os saberes passado de geração em geração.

A comunidade Limoeiro está vivendo essa realidade do avanço da dendeicultura em seu território já existe a mais de quinze anos uma fazenda onde é uma das maiores parceiras da empresa agropalma, a fazenda São José Palma esta aproximadamente a oito quilômetros da comunidade Limoeiro, esta vem gerando emprego para vários camponeses da redondeza, ou seja, os camponeses deixando de produzir, segundo o coordenador administrativo da fazenda, existem mais de dois mil e oitocentos hectares de dendê plantando e que já está sendo feito a colheita do fruto e a fazenda já tem esse contato direto com a empresa agropalma e assim

passando o fruto in natura para empresa. No entanto a fazenda começa a se industrializar, pois, fazendo a extração do óleo do dendê torna-se mais lucrativo para os mesmos, estes contam com aproximadamente cento e oitenta funcionários só que estão no campo, foram os funcionários da área administrativa da fazenda, logo está com toda essa dimensão é considerada uma área de pequeno produtor e não uma empresa. A empresa agropalma está diretamente relacionada com essa fazenda, pois no início da mesma a agropalma disponibilizava seus técnicos para ir dar suporte ao pequeno produtor de dendê, e, com o passar do tempo a fazenda foi ganhando autonomia e a alguns anos vem trabalhando sem a frequência da empresa em seu cultivo, toda via a agropalma manda uma vez por mês alguns técnicos para ver se a produção está com uma boa qualidade, dentre outras coisas.

A empresa agropalma esta aproximadamente a 40 km da comunidade limoeiro, e esta começa a investir na produção da agricultura familiar, ou seja, ela começa a “dar” todo suporte para o produtor, desde as mudas até o suporte técnico para os produtores, no caso os agricultores iriam ceder seus terrenos para fazer o plantio e a empresa se responsabilizaria de comprar toda a produção dos produtores. Em algumas comunidades como por exemplo a comunidade continente e limoeiro aderiram a esse projeto da empresa. No entanto não é grande maioria que adere a esse projeto são poucos, porém estes poucos tem grande extensão de terras e estão com grandes projetos, o produtor A tem aproximadamente 2.8000 hectares de plantio de dendê e já está colhendo e os planos é industrializar a sua “pequena produção” para assim exportar para a empresa Agropalma o óleo da palma, pois assim torna-se mais lucrativo do que in natura, já o produtor B tem seu plantio próximo ao rio Moju e está no início da produção e ainda não está colhendo o fruto.

A empresa agropalma tornou-se uma grande investidoras no ramo da dendeicultura, o Pará é o maior produtor de dendê de todo Brasil, logo ela está gerando muito emprego para várias pessoas em todo estado, no entanto por ser estalada principalmente na área rural acaba tendo muita mão de obra barato. Para melhor mostrar um pouco do quadro de funcionários da empresa, é, de mais de 5.000 empregados na empresa, tem várias agrovilas para facilitar melhor acesso do trabalhador e fica mais próximo da empresa também. O óleo de palma e seus derivados têm diversas aplicações nas indústrias alimentícia e óleo-química, dentre elas: frituras industriais, aspersão de extrusados, chocolates, massas, margarinas, cremes vegetais, detergentes, sabões e sabonetes. No total a agropalma compreende: 107 mil hectares de terras; 39 mil hectares de palmeiras já plantadas; 1.600 mil hectares de estradas próprias; 05 indústrias de extração de óleo bruto; 01 terminal de exportação, 02 indústrias de refino; 02 indústrias de produção e acondicionamento de gorduras vegetais, 05 laboratórios de controle de qualidade, geração própria de energia elétrica para o processo industrial, 04 estações para tratamento de água, 01 de água de reuso, 300 ha não plantados com palma disponíveis para novos plantios, 3.700 ha de infraestrutura (incluindo estradas e linhas de transmissão), 64 mil hectares de reservas florestais. Pode-se perceber que a empresa tem muito interesse no território mojuense, pesquisas revelam que o solo é muito propício para a monocultura da palma africana.

Em uma perspectiva de analisar as desigualdades sociais, referente a categorias geográficas de Milton Santos e Maria Laura Silveira:

Chamaremos de espaços luminosos aqueles que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, ficando assim mais aptos a atais atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização. Por oposição, os subespaços onde tais características estão ausentes seriam os espaços opacos. Entre esses extremos haveria toda uma gama de situações. Os espaços luminosos, pela sua consistência técnica e política, seriam mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas.

Santos, Silveira (2001, p.264.)

Partindo desse pressuposto podemos contrapor em cima dessa categoria geográfica, onde Santos e Silveira afirmam que a maior concentração de espaços luminosos está na região sul do país e a concentração dos espaços opacos no norte e nordeste do país. Porém se formos analisar em cima desta classificação podemos ver que na região norte do país também encontraremos espaços luminoso, onde concentram-se as grandes multinacionais que estalaram-se no território. Contudo a empresa agropalma está localizada na zona rural onde o acesso ao meio técnico-científico-informacional está bem longe da realidade dos camponeses, porém a partir do momento que entra na empresa, irá encontrar grandes tecnologias em relação a grandes maquinarias, acesso à internet, área para telefone, dentre inúmeros outros aparatos em relação ao meio técnico-científico-informacional.

A resistência dos camponeses, e, como organizar-se melhor para o desenvolvimento de suas plantações.

Com o avanço do capitalismo e com os grandes investimentos na agricultura, pecuária e na mineração, a forma de exclusão só aumenta no Brasil, é um grande exportador de matéria prima, o agronegócio tem tomado conta dos territórios brasileiro, no entanto pessoas morrem de fome no Brasil, produzimos para quem? E para que? O monopólio e a concentração de poder têm assolado camponesas e camponeses, sabemos que tudo que produzimos nada é para a classe trabalhadora e sim para a classe burguesa, onde cada dia mais investir em soja transgênica, em inúmeras fazendas com a pecuária e o saque dos nossos minérios. O Brasil onde encontra-se tanta riqueza, entra-se muita pobreza também, produzimos tanto, mais tudo que produzimos é exportado para os grandes países desenvolvidos, sabemos que o que produzimos não é para a classe trabalhadora. E que esse sistema de exclusão cada dia mais faz com as camponesas e camponeses não tenham acesso nenhum, pois o “progresso” que é tanto divulgado por os grandes capitalistas nunca chega para o trabalhador do campo.

Partindo disso os camponeses da comunidade limoeiro tem resistido todos os dias para que a monocultura do dendê não avance em seu território, muitos sabem que o cultivo da palma não será como sua agricultura campesina, e, que os impactos ambientais e socais serão enormes, logo os camponeses vem se organizando para não deixar que seu território, lugar onde existe toda uma história de vida, onde ali encontra-se suas raízes, não será fácil para as multinacionais ter o território que pertence as comunidades tradicionais.

Logo uma das armas dos camponeses é persistir em suas plantações com o cultivo da raiz da mandioca, não apenas isso mais as plantações de arroz, milho, frutas nativas, dentre inúmeras variações que os camponeses plantam. Porém os camponeses ainda são muito artesanais na sua produção, nos dias atuais que vivemos é necessário que eles reinventem e façam uso das tecnologias para melhor facilitar sua vida no campo.

O acesso à internet e outros meios modernos de informação poderiam abrir um caminho importante para o desenvolvimento agrícola baseando no conhecimento, mas esses meios não podem continuar beneficiando somente aos mesmos setores que sempre tiveram acesso ao capital e à tecnologia, deixando fora milhões de agricultores familiares, camponeses e os mais pobres da região. Neste sentido, cabe ao estado reverter a tendência neoliberal que destruiu os serviços de Extensão Rural em quase todos os países, cumprindo com seu dever de ofertar este serviço que se caracteriza como um “bem Público”. Não há dúvidas que o conhecimento científico de ponta (e ecologicamente correto) terá cada vez maior custo, tenderá a ser restringido a alguns setores e dominado por estratégias de poder econômico. Isso poderá determinar que as instituições públicas de pesquisas e extensão rural fiquem cada vez mais debilitada, sem possibilidades de contribuir para que o conhecimento chegue por outras vias acessíveis aos agricultores familiares e camponeses de menos recursos. Caberá ao Estado estar atento a este tipo de problemática destinando recursos e estabelecendo políticas que possam superar tais obstáculos. Ao mesmo tempo, devem ser apoiadas e estimuladas milhares de iniciativas de agricultores e técnicos, que têm avançado o desenvolvimento de experiências baseadas no conhecimento agroecológico.

Está claro, neste começo do século XXI, que a modernização agrícola não ajudou a solucionar o problema generalizado da pobreza rural, nem melhorou a distribuição da terra e da renda. As opções que foram oferecidas para modernizar a agricultura foram boas por curto prazo e, principalmente, para os agricultores de maiores recursos e acesso às políticas de incentivo, mas não foram às necessidades e condições da maioria dos agricultores familiares e camponeses. Isso tudo aconteceu mediante políticas públicas equivocadas, que acabaram indo contra os setores mais frágeis ao mesmo tempo em que favoreciam os cultivos de exportação, substituindo a produção de alimentos básicos e as formas de produção tradicionais, diversificadas, focadas na segurança alimentar e na produção de comida. A integração dos países ao mercado internacional ignora as necessidades de melhorar a balança comercial regional, a segurança e a soberania alimentar dos países, que poderiam ser elementos importantes para reduzir a pobreza e criar modelos mais equitativos e estratégias ambientalmente sustentável de desenvolvimento rural.

A agroecologia oferece conhecimentos e as metodologias necessárias para o desenvolver a agricultura que seja, por um lado, ambientalmente adequado e, por outro, altamente produtiva, socialmente equitativa e economicamente viável, através da aplicação dos princípios agroecológicos, poderão ser superados os desafios básicos na construção de agricultura sustentável, ou seja, fazer um melhor uso dos recursos internos, minimizar o uso de insumos externos, reciclar e gerar recursos e insumos no interior dos agrossistemas, usar

com mais eficiência as estratégias de diversificação que aumentem o sinergismos entre os componentes-chave de cada agrossistema.

O objetivo é integrar os componentes de cada sistema de maneira que se possa aumentar a eficiência biológica, preservar a biodiversidade e manter a capacidade produtiva e de auto regulação do agrossistema. O que deve ser buscado é o desenho agrossistemas que imitem e se aproxime da estrutura e função dos ecossistemas naturais de cada zona, isto é, um sistema com alta diversidade de espécie e um solo biologicamente ativo, um sistema que promova o controle natural de insetos e enfermidades, um sistema onde se tenha alta reciclagem de nutrientes e uma alta cobertura do solo que previna a perda de recursos edáficos.

Estima-se que em nível global, aproximadamente 1,9 a 2,2 bilhões de pessoas ainda não tiveram contato ou adotaram as chamadas “tecnologias modernas”. Na América Latina, algumas projeções indicam que a população rural continuará estável, ou, inclusive, poderá crescer em alguns países. A maior parte da pobreza rural está concentrada em zonas de escassos recursos, muito heterogêneas e suscetíveis a altos riscos de natureza climática. Seus sistemas agrícolas são de pequena escala, sendo, muitas vezes, sistemas complexos e diversificados.

Para que possam ser beneficiados os agricultores mais pobres é necessário que a pesquisa e o desenvolvimento agrícola operem com base em um enfoque “de baixo para cima”, construindo conhecimentos e disponibilizando tecnologia a partir dos recursos locais, do conhecimento local e da base de recursos naturais disponíveis. Devem ser tomadas com muitas seriedades, aspirações e circunstancias particulares dos agricultores, e intervir através do uso de método participativos. Isto significa que, da perspectiva dos agricultores mais pobres, as inovações tecnológicas devem: poupar insumos e reduzir custo, reduzir riscos, serem adequadas para as zonas mais frágeis, serem congruentes com os sistemas agrícolas, culturais e modos de vida dos agricultores e melhorarem a segurança alimentar e nutricional, a saúde e o meio ambiente. É devido, justamente, a estes requerimentos que a agroecologia oferece mais vantagens que o modelo da Revolução Verde e os pacotes biotecnológicos.

Não há dúvidas de que aplicando os princípios agroecológicos uma grande quantidade de agricultor familiares, que vivem em zonas marginais, poderão produzir uma parte importante dos alimentos requeridos para a segurança alimentar. As evidencias são claras: novos enfoques metodológicos e tecnológicos liderados por agricultores e técnicos, tanto organizações governamentais com de organizações não governamentais, em todo o mundo, já estão fazendo importantes contribuições para a segurança alimentar tanto das famílias envolvidas como de suas regiões e países. Uma grande variedade de métodos agroecológicos e participativos, adotados em muitos países, mostram resultados positivos, inclusive em condições adversas.

Para ampliar a participação de familiares rurais neste processo de mudanças, a partir do referencial destes “faróis ecológicos” deverão ser considerados alguns elementos

essenciais: programas de educação popular, alianças entre comunidades e agências externas (serviço de extensão rural, ONGs, universidades, centros de pesquisa, etc.), intercâmbios e formação de redes de agricultura e técnicos, ampliação de princípios agroecológicos, políticas agrícolas adequadas e estimulantes, vontade política e apoio e desenvolvimento de mercados justos e locais e regionais.

Almeida (2004) visualiza nos povos e comunidades tradicionais um processo de territorialização em curso. As comunidades tradicionais engendram movimentos sociais que são construídos politicamente através das mobilizações pelo acesso comum aos recursos naturais e fortalecidas pela construção de território e identidades específicas (auto definições) ou pela afirmação étnica. O autor conceitua povos e comunidades tradicionais assim.

Os povos e comunidades tradicionais, embora apoiados também nas unidades de trabalho familiar e em diferentes modalidades de uso comum dos recursos naturais, apresentam uma consciência de si como grupo distinto, com identidade coletiva própria, e formas de organização intrínsecas que não se reduzem à ocupação econômica ou à relação com os meios de produção (ALMEIDA, 2010, p.105).

Com base em que Almeida (2010) fala podemos perceber que os camponeses e camponesas que vivem e resistem na comunidade Limoeiro, vêm persistindo que o melhor meio de vida para eles é no campo e que ainda conseguem viver dos bens naturais, com parcerias junto as outras comunidades tradicionais da redondeza e com organização dentro da comunidade. As características até aqui elencadas como constitutivas das comunidades tradicionais podem ser perfeitamente visualizadas, sobretudo, no Moju na área de estudo na comunidade Limoeiro, pode-se perceber que os camponeses já decidiram lutar e que já sabem as consequências drásticas que a monocultura do dendê vem trazendo para dentro de inúmeras comunidades tradicionais.

Perspectivas referente a evolução dos camponeses em suas áreas de trabalho

O objetivo do trabalho é juntamente com a comunidade criar estratégias para que o agronegócio não invada suas terras, e, que os camponeses empodere-se em relação a conhecer o real motivo das empresas de dendê, que querem cada dia mais adentrarem em seus territórios. E mostrar aos camponeses que com a organização da comunidade estes conseguiram ser protagonistas dentro de seu território e irão ter bons resultados em lutas travadas com os grandes latifundiários. Toda via a comunidade precisa ter parcerias para que possa conseguir melhor organizar-se dentro do seu território.

É partindo dessa necessidade da comunidade que umas das propostas para a mesma é dialogar com os movimentos sociais, que podem estar contribuindo para o crescimento da comunidade e fazendo com que está seja extremamente organizada e por seguinte trazer um pouco da pedagogia de como os movimentos sociais vem sendo protagonista em nosso país e que graças a organização dos mesmos estamos em lutas para lutar por nossos direitos. E com isso está mostrando aos camponeses e camponesas que é necessária essa aliança para que continue resistindo dentro do seu território.

Toda via, é, necessário também que os camponeses tenham o debate sobre a agroecologia e que tenham soberania popular na alimentação, que com as propostas da agroecologia estes comecem a plantar coletivamente que possam ter hortas, roças, plantações de frutas nativas, dentre inúmeros outros tipos de plantações, e, em conjunto pois se conseguirem organizar-se e fazer com que tenham plantações coletivamente estes iriam ter mais qualidade de vida, estariam contribuindo com os companheiros que não tem mais um lote para sobreviver da agricultura, pois esse sim é o real sentido de ter soberania popular na alimentação. Indo também por um viés de fazer com os camponeses e camponesas tenham a conscientização de que é necessário fazer um armazenamento das sementes oriundas, pois com a degradação do homem e com o avanço das tecnologias as sementes oriundas estão cada vez mais raras de ser encontradas e cultivadas.

Considerações finais

Com isso analisa-se que a comunidade Limoeiro vem resistindo contra o avanço da monocultura do dendê e que a maior arma dos camponeses e camponesas é a persistência em estar plantando em suas terras. E que com investimentos tecnológicos a comunidade conseguirá produzir mais a farinha de mesa e conseguirá ser uma das grandes contribuidoras para que o município de Moju seja visto como um município onde os agricultores e agricultoras estão presentes e que são eles que sustentam a população urbana. E que os camponeses e camponesas são símbolo de resistência no território mojuense.

Oração à Terra Santa

Ó Terra Santa!

Mostrai-me a verdade das fajutas caras

Desses homens que te pisam

Mostrai-me a realidade escondida

Pelos grandes que te cobiçam

Ó Terra Santa!

Dai-me um pouco do nada que nos é distribuído

Dai-me aquilo que é meu que não foi bem dividido

Mantei-me integro no trabalho que tenho exercido

Mantei-me o bucho com o mínimo de alimento preenchido

Ó Terra Santa!

Sua Vida é minha vida

Sua morte é minha morte

Quem dera eu tivesse a sorte

De sequer nem ter nascido

Ou será que sou abençoado

Por ter sobrevivido?

Devo me sentir horando

Por um dia ter te conhecido.

Gustavo Garcia Palermo

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. & MARIN, Rosa Acevo. (Coords). **Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: quilombolas de jambuaçu-Moju**. Pará. Fascículos 3. PNCSA; Brasília, 2007

BASTO, Cleison Santos de. Dissertação de mestrado. UFPA; Belém, 2015

ALTIERI, Miguel. Agroecologia- Princípios e Estratégias para a Agricultura Sustentável na América Latina do Século XXI, 2006

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no século XXI**, 9º ed. Rio de Janeiro: Record, 2006

Site: www.agropalma.com.br